

Carlos Conde

Progressistas de olho no Itamarati

A formação, no Congresso Nacional, de um grupo suprapartidário que se denomina progressista poderá ter reflexos também na política externa. O objetivo original do grupo é impedir que a maioria de parlamentares conservadores na Constituinte legue ao país uma Carta incompatível com os anseios de mudança da nação. Portanto, o trabalho do grupo se voltará, principalmente, para política interna e a economia. Mas é fatal que ele, na esteira dessas preocupações, se interesse também pela área diplomática.

Na elaboração da Carta, o grupo progressista certamente se inclinará por uma linha que favoreça o maior controle do Parlamento sobre a política externa. Há uma queixa, quase generalizada, de que o Congresso dispõe apenas de uma faixa muito estreita para participar da elaboração diplomática e fiscalizar sua aplicação. Após o surgimento da Nova República, essa frustração foi um pouco amenizada por iniciativas das Comissões da primeira. No comitê de Câmara atuava um grupo muito interessado em relações internacionais e que incluía, entre seus principais atores, os deputados Márcio Santilli, João Herrmann, Amauri Muller, Aírton Soares e Flávio Bierrenbach. Eles movimentaram a Comissão de Relações Exteriores, apresentaram propostas, promoveram seminários, indicaram linhas de atuação e contestaram seminários, indicaram linhas de atuação e contestaram a atuação do Itamarati sempre que necessário.

Do ex-deputado Bierrenbach partiu a iniciativa de um seminário no qual os dois candidatos à Presidência da República, Tancredo Neves e Paulo Maluf, mostraram o que desejavam fazer com a política externa. Do ex-deputado Márcio Santilli partiu a idéia de sugerir ao Executivo (ainda na Velha República) o restabelecimento de relações diplomáticas com Cuba. Esses são os casos mais relevantes. Os demais integrantes do comitê, já mencionados, contribuíram bastante para agitar a política externa e todo o campo das relações internacionais. Como o deputado Amauri Muller, do PDT do Rio Grande do Sul, que mostrou um admirável empenho em defender e apoiar e os bravos oposicionistas chilenos.

Alguns não voltaram à Câmara para a Constituinte, como Márcio Santilli, Aírton Soares e Flávio Bierrenbach. Mas parlamentares novos já parecem desejosos de tomar seu lugar. E o caso, por exemplo, do jornalista-deputado Roberto D'Ávila, que recolhe centenas de assinaturas para apoiar o eventual rompimento de relações diplomáticas com a África do Sul.

Logo que a Constituinte começar a ganhar fôlego, o grupo progressista suprapartidário poderá, mesmo à margem dela, na Câmara e no Senado, enriquecer a ação do Itamarati com suas sugestões e críticas. Desde a legislatura passada que um grupo semelhantes prega posições «mais avançadas» para a diplomacia brasileira e essa campanha tende a continuar.